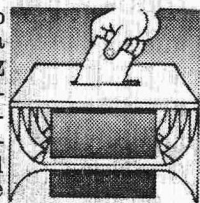


Feudo brizolista domina centro do Rio

Fanáticos e ruidosos, habitantes da Brizolândia dão o tom mais agressivo da campanha eleitoral

MARA ZIRAVELLO



Nada do que o candidato faça ou diga é capaz de alterar o humor, a disposição ou o fanatismo das 15 mil pessoas que compõem a Brizolândia — o mais forte reduto eleitoral de Leonel Brizola (PDT) encravado no centro do Rio de Janeiro, na Praça Floriano, nome conhecido apenas pelos funcionários do correio. Lá é a “Terra de Brizola”. O que ele declara é lei. Quem pensa o contrário é traidor. E ninguém se importa se o candidato deixou ou não o País, em 1964, com as calcinhas de uma repórter, que recentemente perguntou se ele havia fugido vestido de mulher. Foi o que Brizola respondeu. “Não passa de um desabafo”, foi a interpretação da secretária Josemira Zacharias, 47 anos, brizolista tão convicta quanto tantos outros que marcam ponto diariamente na Brizolândia.

Sem porta, sem parede e sem telhado, a Brizolândia é um espaço de cerca de 500 metros quadrados em frente à Câmara dos Vereadores. A escadaria da Câmara é seu palanque e a sede, propriamente dita, é uma barraca de madeira que qualquer tempestade pode derrubar. A identificação fica por conta de uma placa, acima da barraca, onde se lê: “Centro Integrado de Educação Política — Brizolândia”. A aparência, tão inofensiva quanto um carrinho de cachorro-quente, encobre acaloradas discussões sobre os mais variados temas sociais — desde que não sejam contra Brizola.

“Aqui é uma escola potitica”, define o vendedor de latões Luis Cláudio Santos Barros, 32 anos. “O que nos une não é o amor ao Brizola. É o amor à Brizolândia”, tenta explicar. Com uma renda familiar mensal em torno de NCzs 3 mil, Luis Cláudio pertence a uma camada social superior à da maioria dos frequentadores da praça. Os aposentados, cujos benefícios variam entre NCzs 300 e NCzs 400 por mês, formam 50% do batalhão, e são responsáveis por uma missão que enchem mais os olhos de orgulho do que a barriga de alimentos: caquetizar os mais novos.

Ex-condutor de bonde, hoje com 71 anos, o pernambucano José Maria Santos desembarcou no Rio no navio Itanaje, do

qual só restam os cascos no fundo da Baía de Guanabara. Diabético e cardíaco, José Maria deixa as amarguras de lado e transborda paciência toda vez que conta a sua história do Brasil. “Os remédios são meu alimento e a política é a minha alma”, declara ao começar o discurso, que vem desde o suicídio de Getúlio Vargas, em 54, até o dia em que recebeu a carteirinha que o isenta de pagar o ônibus, durante o governo de Brizola no Rio.

As reuniões semanais que os dirigentes da Brizolândia têm com os dirigentes do PDT servem apenas para cumprir o estatuto da entidade. Aproveita-se para saber a agenda do candidato — a fim de evitar confusões por onde ele estiver passando. Possíveis orientações do partido, em especial quanto ao comportamento dos militantes, perdem-se pela precarieda-

de do método de transmissão, muito semelhante ao da antiga brincadeira do telefone sem fio. Quem, eventualmente, receber a informação original sem alterações, aceita se quiser. “Aqui, quem nada é a democracia”, esclarece o vendedor de papel Carlos Celso Pinel, 45 anos.

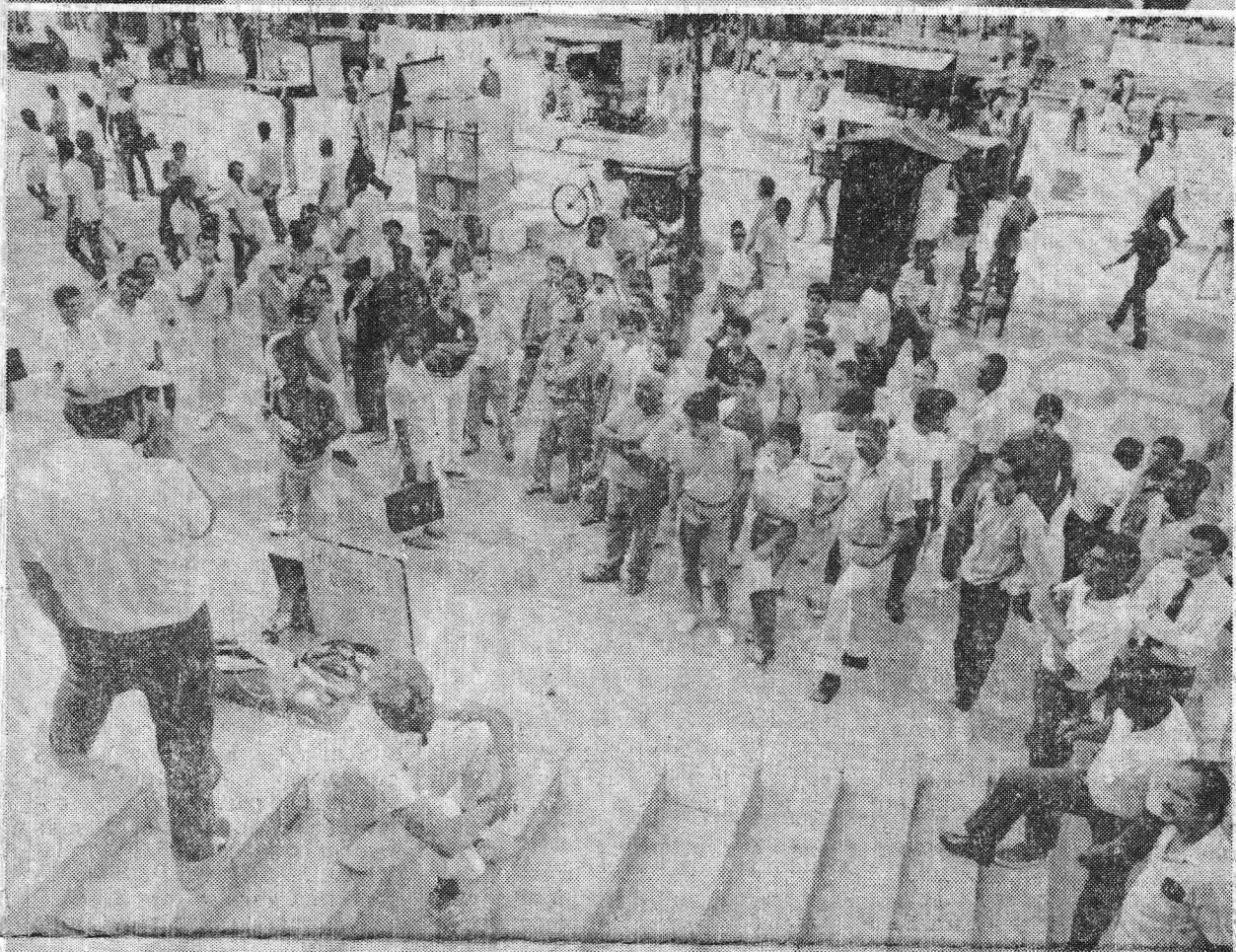
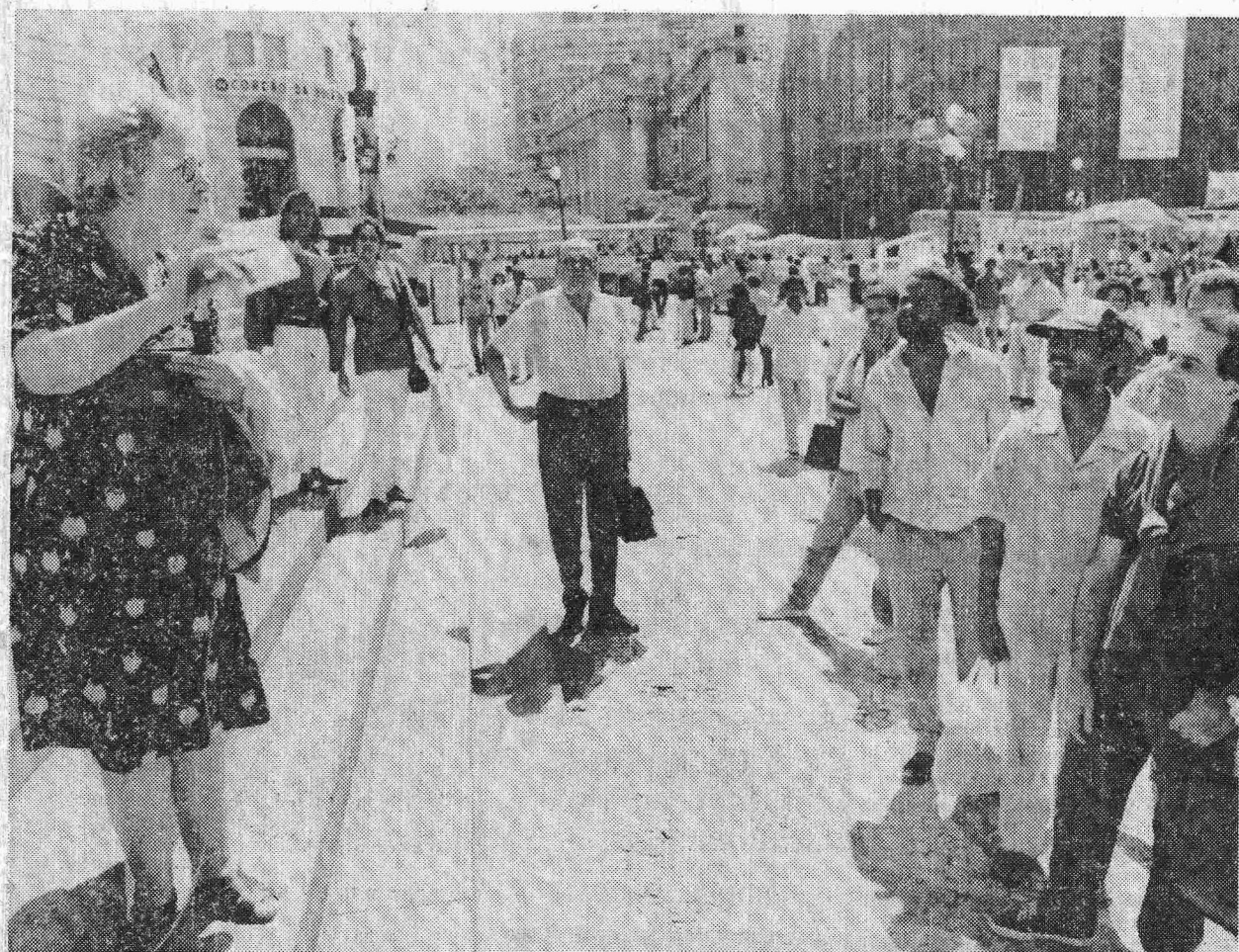
Na outra metade da praça, amontoam-se barraquinhas de outros partidos, como o PCB e o PT. A convivência é pacífica. Militantes da “Terra de Brizola” não conhecem os militantes “do lado de lá”. A disputa é na base de quem consegue fazer mais barulho. “Donos” da escadaria da Câmara, os brizolistas berram ao microfone ligado a um pequeno alto-falante enquanto os petistas aumentam o volume da televisão que reprisa os debates dos candidatos dentro de uma barraca vermelha.

Pelo microfone da Brizolândia todo mundo tem direito a voz. Na tarde de quarta-feira, a costureira Edith Eder, gaúcha de 66 anos, passava pela praça a caminho de casa, ouviu um militante falar sobre o problema da educação no País e não resistiu à tentação. Subiu alguns degraus e comandou um minicômico que empolgou vinte atentos eleitores.

Esta é a força da Brizolândia. Cada integrante aproveita qualquer oportunidade para conquistar votos para o candidato: na feira, quando alguém reclama dos preços, no bar, quando alguém reclama do café ou na saída do cinema, se alguém reclamar do filme. Entre eles não é preciso perder tempo. Nas rodinhas que se formam de manhã, à tarde ou à noite, antes ou depois de abrirem a barraquinha, trocam-se livros sobre a cultura negra, revistas que tratam de política internacional ou paródias de músicas famosas para animar comícios.

“Nosso único problema é o fanatismo”, alerta a todo instante o ex-funcionário da Caixa Econômica Federal Jorge Pires, de 78 anos. O exemplo, Jorge escolhe entre os fatos que viveu. Conta que um dia criou coragem para discursar. Pegou o microfone, começou a elogiar o governo Moreira Franco e pretendia chegar ao capítulo das críticas — mas não conseguiu. “Arrancaram o microfone da minha mão”, explica.

A democracia também fica por um fio quando algum adversário passa em frente a barraquinha da Brizolândia e grita o nome de outro candidato. Num gesto já automático, um grupo acompanha o “desavisado” até que ele deixe a calçada da praça. “Sabem como é, quando falam mal do Brizola, nosso sangue ferve mesmo”, esclarece o “autônomo” Ney Tavares, “com 44 anos de favela”.



Comícios e barracas brizolistas na Cinelândia: território de uma tribo fiel ao PDT

Marcos Vinicius/AE